

A ANÁLISE DO DISCURSO E O FALANTE DESPRETENSIOSO

Silvia Maria Pinheiro Bonini Pereira (UNIRIO, UNESA)
sbonini@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Na mentalidade individualista da sociedade atual, as ‘opiniões’ e as ‘certezas’ preponderam sobre a racionalidade. Neste sentido, não se respeitam as preferências, os gostos, as atitudes ou as idéias opostas, de modo que as palavras são proferidas sem ponderação, tornando os discursos céticos, arbitrários e reprodutores de ideologias.

Diante da verificada fragmentação discursiva, torna-se relevante compreender a significação dos discursos arbitrariamente produzidos e reproduzidos pelos enunciadores, que são capazes de reconstruir realidades e de determinar identidades sociais.

Pretende-se, portanto, analisar como o ‘discurso despretensioso’ contribui para essa prática social, bem como verificar como se constrói o sentido discursivo, segundo a teoria da Análise Crítica do Discurso.

Os estudos discursivos, neste trabalho, foram categorizados segundo o pensamento de Norman Fairclough, um dos precursores da linha inglesa da Análise do Discurso – que concebe a linguagem humana como sendo um dos componentes constitutivos das mudanças sociais na contemporaneidade –, como também articulados com as abordagens do campo da Pragmática e da Análise do Discurso, de linha francesa.

A Análise Crítica do Discurso “cuida tanto do funcionamento do discurso na transformação criativa da ideologia quanto do funcionamento que assegura sua reprodução” (Resende e Ramalho, 2006, p. 47). Com base nesta orientação, a presente pesquisa utiliza o método crítico para analisar o ‘discurso despretensioso’, com o escopo de responder a seguinte problematização: quais são as estratégias persuasivas envolvidas na enunciação despretensiva que reproduzem uma prática social ideológica?

Para responder a indagação, foi utilizado um *corpus* composto de quatro fragmentos discursivos, emitidos ‘despretensiosamente’ em variados locais e em diversas situações comunicativas, no qual foram realizadas análises individuais e em conjunto.

A pesquisa constou de três capítulos. No primeiro, realizou-se um breve levantamento conceitual das teorias críticas frente às práticas discursivas. Já no segundo, elaborou-se uma apreciação do discurso como prática social, logo, analisado lingüística e socialmente. E no terceiro e último capítulo, ingressou-se na análise do *corpus*.

Justifica-se a pesquisa, uma vez que para a Análise Crítica do Discurso - ACD, o discurso é concebido como uma prática social capaz de criar, recriar e modificar a forma como o indivíduo se insere no contexto social e, por esta razão, perpassa pelos conceitos de hegemonia, ideologia, cultura e estruturas sociais. Surge, portanto, a relevância de se estudar a discursividade contemporânea, em específico, o discurso ‘despretensioso’, bem como a relação existente entre este e os valores sociais.

A ANÁLISE DO DISCURSO E A TEORIA CRÍTICA

“A Teoria Social do Discurso é uma abordagem de Análise de Discurso Crítica” (Resende e Ramalho, 2006, p. 11), logo, trata-se de uma análise da linguagem que conjuga as teorias lingüísticas, sociológicas e políticas. Deste modo, para entender como as práticas discursivas estão imbricadas às estruturas sociais, torna-se necessário apresentar um breve histórico sobre a origem da Análise Crítica do Discurso.

A lingüística crítica

De acordo com Norman Fairclough, a idéia de uma “lingüística crítica” foi desenvolvida na Universidade de *East Anglia*, na Inglaterra, por um grupo de pesquisadores que buscavam aliar o método de análise textual com a Lingüística Sistemática Funcional, teoria preconizada por Michael Halliday. Destaca-se, por oportuno, que o ponto de partida foi a teoria sistêmica, que, segundo as pesquisadoras Resende e Ramalho foi recontextualizada por Fairclough.

Contudo, a análise crítica também se baseia em outras doutrinas, chamadas de não-críticas, como as teorias do “‘ato de fala’ e ‘transformação’” (Fairclough, 2001, p. 46). Para o autor, as teorias não-críticas concentram muita atenção ao aspecto gramatical da frase (transitividade, tema, nominalização e modalidade) e ao vocabulário (léxico), não se preocupando com o aspecto social.

Para Fairclough, o discurso como prática social apresenta três elementos que contém em si um significado, são eles: o modo de agir, o modo de representar e o modo de ser. Assim, o significado acional observa o texto como um meio de (inter)ação entre os gêneros discursivos particulares; o significado representacional aborda a representação da realidade nos textos; e o significado identificacional se refere à construção das identidades no discurso.

Com base na análise crítica, o discurso consiste em uma prática social que articula estilos e discursos de maneira relativamente estável em um determinado contexto sócio, histórico e cultural (significado acional); que projeta aspectos individuais e particulares da realidade (significado representacional); e que se relaciona a apreciação de identidade, pertinente ao conceito lingüístico e pragmático (significado identificacional).

Através da teoria crítica, percebem-se os mecanismos de análise dos “efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença” (Fairclough, 2001, p. 31). Isso decorre porque a análise crítica concebe o discurso, não apenas pelas relações internas que o instrui, mas pela compreensão externa, voltada para a conjuntura social e à posição que o sujeito ocupa na sociedade.

O discurso e o texto para a análise crítica do discurso

Para Fairclough, o conceito de discurso se apresenta como “tridimensional”, pois

Qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão da prática discursiva, como inserção, na concepção ‘texto e interação’ de discurso, especifica a

natureza dos processos de produção e interpretação textual (Fairclough, 2001, p. 22).

Também esclarece que primeira dimensão se refere ao texto, alicerçado à teoria da lingüística sistêmica; a segunda nas práticas discursivas, inseridas nos processos de produção e interpretação textual; e a terceira na prática social, estruturada nos contextos culturais e sociais.

Já para Foucault, tendo como função estabelecer as “regras de formação”, os discursos seriam formados por elementos desconexos que corresponderiam a

Um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva (um conjunto de discursos é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva). (Foucault, 1969, p. 146).

Neste sentido, embora Fairclough ressalte a contribuição do ilustre filósofo para a construção de uma teoria social do discurso como relação de poder e de mudança social, adverte para as diferenças de abordagens conceituais existente entre eles.

Após conceituar discurso, cumpre fazer uma breve análise da definição de ‘texto’. Para Fairclough, “qualquer produto escrito ou falado, de tal maneira que a transcrição de uma entrevista ou conversa, por exemplo, seria denominada um ‘texto’” (Fairclough, 2001, p. 24).

Assim, diante da concepção de discurso e texto, Fairclough, baseado na lingüística sistêmica de Halliday, incorporou ao estudo da textualidade a noção de “linguagem em uso”. E ainda, junto com Chouliaraki, retomou os conceitos de estrutura e de sistema (Resende e Ramalho, 2006, p. 12-29). Desta feita, com base na Teoria Sistêmica Funcionalista, o discurso deve ser analisado como um sistema e como uma estrutura lingüística que têm reflexo nas relações sociais.

Observa-se que com a definição de discurso como “linguagem em uso” inserida na prática social, Fairclough se afasta da dicotomia saussuriana, uma vez que Saussure considerava a fala – *parole* – como uma atividade individual, e não fenômeno social. No estruturalismo saussuriano, o sistema se apresenta como uma característica

da própria estrutura que, por sua vez, expressaria o conjunto dos elementos da língua – *langue*.

Cumprе ressaltar que o debate em torno dos conceitos de práticas sociais, estruturas e sistemas decorre do cruzamento da análise crítica do discurso com as teorias sociais. Neste sentido, usa-se o termo social para referir-se ao sistema social (tomado como expressão da cultura) e à relação existente entre a linguagem e as estruturas sociais (consideradas como feições do sistema social), que, através da linguagem, constroem, mantêm ou reproduzem o contexto social dominante.

A ideologia nos discursos

A Análise Crítica do Discurso, além de ser uma doutrina (método de análise), também se preocupa com o comportamento social, pois investiga as relações de poder e hegemonia praticadas nos textos para, a partir delas, conscientizar a sociedade sobre as práticas discursivas investidas de ideologia. Neste sentido,

As ideologias são significações/ construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Fairclough, 2001, p. 117).

Ressalta-se que a Análise Crítica do Discurso adotou o conceito de ideologia da Teoria Social Crítica, capitaneado por Thompson, que considera a ideologia

Por natureza, hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes.

.....

Os modos gerais de operação da ideologia [...] são cinco, a saber: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação (Resende e Ramalho, 2006, p. 49-50).

Para Fairclough a importância da aceção de ideologia da Teoria Social crítica para a Análise do Discurso se estabelece quando

as representações ideológicas são legitimadas em práticas sociais e inseridas nas identidades dos sujeitos.

Cumprir destacar a importância dessa abordagem para a presente pesquisa, pois, a Análise Crítica do Discurso – consubstanciada na teoria social crítica, no funcionalismo sistêmico de Halliday e nas propostas de mudança social de Fairclough –, analisa o significado discursivo sob o ângulo acional (voltado ao gênero), representacional (ligado ao discurso) e identificacional (referenciado ao estilo).

A partir dessas abordagens, abordar-se-á o reflexo da prática discursiva na construção da identidade social contemporânea.

A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

Para Althusser “A ideologia interpreta os sujeitos [...], é a constituição dos sujeitos” (Fairclough, 2001, p. 116). Portanto, através do uso da linguagem se reproduz uma ideologia, que, em circunstâncias particulares, estabelece e/ou mantém relações de dominação e determinam as posições do sujeito no processo social. Assim, neste capítulo, passa-se a analisar as formas e os processos sociais dentro dos quais, os discursos reproduzem as práticas sociais.

O discurso como prática social

Conforme se depreende dos estudos lingüísticos contemporâneos, há um consenso entre os autores acerca dos trabalhos de Ferdinand de Saussure terem sido o ponto de partida para o desenvolvimento e a projeção da Lingüística como ciência, principalmente, por sua concepção dicotômica de língua e fala.

Assim, ancorados nos estudos da linguagem – iniciados por Saussure e, até os dias de hoje, adotados, reformulados ou preteridos –, a lingüística contemporânea assinala um novo elemento: o social.

Norman Fairclough, por meio de um olhar multidisciplinar e multicultural, apresenta uma análise do discurso crítica que conjuga três categorias de significados: o texto, a prática discursiva e a práti-

ca social, denominando-as de “Concepção tridimensional do discurso” (Fairclough, 2001, p. 101).

Neste sentido, cada categoria possui elementos que se organizam didaticamente de acordo com a proposta de análise discursiva aplicada, como se observa no quadro a seguir:

TEXTO	Vocabulário, gramática, coesão e estrutura social.
PRÁTICA DISCURSIVA	Produção, distribuição, consumo, contexto, força, coerência e intertextualidade.
PRÁTICA SOCIAL	Ideologia; sentidos; pressuposições; hegemonia; e orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas.

QUADRO 1. Categorias de análise propostas no modelo tridimensional.

Nota-se que há “um movimento do discurso para prática social, ou seja, a centralidade do discurso como foco dominante da análise passou a ser questionada, e o discurso passou a ser visto como *um* momento das práticas sociais” (Fairclough, 2001, p. 101).

Consoante Chouliaraki e Fairclough, práticas sociais são “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais ou simbólicos – para agirem juntas no mundo” (Resende e Ramalho, 2006, p. 35). Logo, para a Análise Crítica do Discurso, toda análise parte da questão da reprodução de discursos impregnados de ideologias, que devem ser superadas através da reflexão crítica.

Nessa perspectiva, o momento da prática social no discurso é resultado da articulação de recursos discursivos em rede, ou seja, as práticas discursivas “são determinadas umas pelas outras e cada uma pode articular outras gerando diversos efeitos sociais. As redes são sustentadas por relações sociais de poder [...] ligadas a lutas hegemônicas” (Resende e Ramalho, 2006, p. 43).

Portanto, com base na análise da prática social, há uma releitura do conceito de hegemonia, acaudilhado por Gramsci, por proporcionar a interface entre a análise crítica do discurso e os estudos culturais, voltado às representações culturais híbridas presentes nos textos.

O discurso hegemônico

Consoante a vertente gramsciana de hegemonia, antes da dominação, propriamente dita, há uma série de estratégias diversificadas, por meio das quais os grupos dominantes se relacionam com os dominados, acolhendo diversidades para, deste modo, fortalecerem a relação de ascendência. Assim, as relações econômicas não correspondem ao único fator decisivo para manter a classe dominante no poder, a ideologia também atua sobre as classes populares, para que elas não se rebellem.

No mesmo diapasão, Stuart Hall apresenta as contribuições do conceito de hegemonia de Gramsci para os Estudos Culturais. Para o sociólogo, trata-se da capacidade que as classes dominantes têm de manter o poder por meio do consenso, do equilíbrio nas relações de força, do auxílio das instituições e dos meios de comunicação, e destaca:

Gramsci nunca se preocupa apenas com a essência filosófica de uma ideologia; ele sempre aborda as ideologias orgânicas, que são orgânicas porque tocam o senso prático comum e cotidiano e “organizam-se as massas e criam o terreno sobre o qual os homens se movem, adquirem consciência de sua posição, luta, etc” (Hall, 2006b, p. 303-4).

Neste sentido, os estudos sobre as práticas sociais têm raízes na formação social, na discursividade, na tensão entre a mistura cultural, no hibridismo social e, conseqüentemente, na identidade social.

Por sua vez, na sociedade contemporânea todos os indivíduos vivem em permanente conflito, por se encontrarem diante de uma multiplicidade interminável de identidades possíveis e gradativas, com as quais transitoriamente podem se identificar, o que Stuart Hall denomina de “*política de identidade*” (Hall, 2006a, p. 49).

Já a noção de hibridismo está sempre presente na produção textual, por ser o local, por excelência, da pluralidade de sentidos. Articula-se, neste sentido, a análise textual e a prática social, pois, os discursos, mesmo aqueles mais despretensiosos, são permeados de valores sociais e remetem a uma determinada percepção da realidade, em detrimento de outras, promovendo choques de valores e, conseqüentemente, de identidades.

A construção da identidade social no discurso

Segundo Helena Brandão, a língua tinha como função representar a realidade, contudo, na “episteme moderna”, esse poder da língua ainda continua como função demonstrativa (Brandão, 2004, p. 53-86). Assim, a linguagem desloca-se do campo da representação para o da ‘presentação’ do real. Com isso, percebem-se transformações e mudanças na identidade social dos sujeitos no discurso frente às práticas discursivas, conforme evidencia Stuart Hall:

Os modernos filósofos da linguagem como Jacques Derrida, influenciados por Saussure e pela ‘virada lingüística’ – argumentam é que, apesar dos seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade (Hall, 2006, p. 41).

Através da noção de Análise Crítica do Discurso, conjugado aos estudos culturais contemporâneos, amplia-se o conceito de linguagem e a concebe como elemento constitutivo das identidades sociais. Deste modo, levando-se em “conta a posição de Theodor Adorno, segundo o qual banalizar a linguagem é banalizar o pensamento que ela veicula” (Bhabha, 2007, p. 09), torna-se necessário observar as práticas discursivas da atualidade, por meio das quais cada falante emite uma ‘verdade’ imponderável, na formação dos sujeitos sociais.

Assim, verifica-se que os processos de construção dos sujeitos sociais, que são resultados das interações entre os indivíduos e a sociedade, encontram-se fragmentados, em constante alteração. Assim sendo, a Análise do Discurso, na abordagem crítica, visa demonstrar que qualquer manifestação lingüística emerge da transformação cultural da sociedade e desvela a conflituosa relação do sujeito com o meio social.

Breve abordagem dos estudos culturais

No presente trabalho, o debate em torno das práticas sociais suscita os estudos culturais, uma vez que entre as características principais da sociedade atual estão as mudanças nas concepções de sujeito, bem como na fragmentação da identidade em decorrência de tais mudanças.

Toma-se como referencial teórico às inferências de Stuart Hall, que estabelece conexões entre os estudos culturais e os temas relativos à identidade. O Ilustre Sociólogo, que não se atém a uma doutrina específica, rompe, assim, com dogmas pré-concebidos e abre-se às novas tendências, conjugando teorias ou recriando as já existentes.

Segundo Stuart Hall, os estudos culturais surgiram na Inglaterra na década de 60, com a preocupação de compreender as práticas políticas, sociais e culturais da sociedade, em decorrência do dinamismo na transformação social. Neste sentido, interage diretamente com as produções culturais da sociedade contemporânea sob o impacto da “pós-modernidade”, em que o sujeito desloca a sua identidade, conforme o tempo e o local (Hall, 2006b, p. 11).

Na sua concepção inicial, os Estudos culturais eram voltados para o marxismo. Por esta aceção, as idéias dominantes em uma sociedade correspondiam às idéias da classe dominante, ou seja, a economia determinaria a cultura. Em sentido oposto, para os estudos culturais contemporâneos, a cultura é vista como um local de construção de significado e não de submissão econômica. Como se desprende do fragmento acima, com os estudos culturais surgiu o imperativo de se refletir sobre todas as práticas culturais presentes na sociedade.

Como esclarece Stuart Hall, os estudos culturais foram substanciados em dois grandes paradigmas: o culturalismo e o estruturalismo. Os pensadores do culturalismo, Williams e Thompson, concebem a cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais comuns da atividade humana e, por se oporem ao esquema marxista de superestrutura (que tem como base o econômico), observam o particular de cada tradição (Hall, 2006b, p. 131). Essa linha põe em relevo o lugar e a experiência do sujeito, para distingui-lo e, a partir de então, constatar como o mesmo se apropria dos fenômenos culturais.

Já a linha estruturalista articula com o conceito de ideologia, desenvolvida através das obras de Althusser e Lévi-Strauss, coloca a cultura em segundo plano (Hall, 2006b, p. 135), para esta corrente, a relação ocorre no nível das estruturas e não entre as pessoas.

Stuart Hall adverte que ambos os paradigmas têm suas virtudes e inquietações (Hall, 2006b, p. 147). Portanto, deve-se estudar a cultura apropriando-se seletivamente de cada um dos modelos, tendo em vista que as convergências e divergências entre as duas vertentes fomentam os estudos culturais.

O papel do discurso na sociedade atual

A partir das concepções da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais, percebe-se que o discurso transcende a linguagem e acontece na sociedade, em um dado momento histórico. Deste modo, para se entender a construção de uma produção discursiva, torna-se necessário sair da análise lingüística e projetar-se para o contexto social.

Como anteriormente mencionado, para a Análise Crítica do Discurso, o discurso consiste na atuação do sujeito sobre a realidade que o cerca, como forma de marcar uma posição social. Neste sentido, qualquer produção discursiva deve ser contextualizada no momento em que é lançada no mundo exterior. Portanto, o lugar e o momento do discurso são definidos por regras inominadas que determinaram o seu sentido e o seu efeito.

Assim, na medida em que os discursos são produzidos, eles se entremeiam a outros discursos – em uma simbiose constante – criando, mantendo ou reproduzindo a ideologia dominante. Neste aspecto, esclarece Brandão, “O ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos é, portanto, o discurso” (Brandão, 2004, p. 11). É por este motivo que se afirma que o discurso constrói uma identidade social, pois, uma vez proferido, inaugura um jogo de poder através da linguagem.

Trata-se da visão da linguagem como identificação social, na qual os sujeitos dos discursos se integram ao ato da enunciação e, por conseqüência, ao contexto histórico-social. E recorrendo-se, mais uma vez, a Brandão, verifica-se que “a linguagem é o lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais”.

Torna-se necessário ressaltar a existência de uma objetividade que confere aos sujeitos sociais a capacidade de reflexão sobre o que está sendo emitido, que pode variar entre a reprovação, a indiferença ou, até mesmo, a assimilação do que está sendo pronunciado. Pode-se inferir, portanto, que qualquer que seja no jogo das linguagens, emitido pelo discurso, há uma reação. Assim, a identificação, ou não, com o conteúdo da enunciação revela o comportamento social dos interlocutores no processo discursivo, o que Fairclough denomina de “função identitária da linguagem”.

A partir dessas inferências, busca-se ponderar o discurso despretensioso e estabelecer a representação social, o comportamento dos sujeitos sociais, as conseqüências textuais e a organização da comunicação nos enunciados, os reflexos da ideologia e, por fim, estabelecer os movimentos retóricos que estruturaram tais conversações e que lhes são recorrentes.

Portanto, o próximo capítulo analisa alguns fragmentos com o objetivo apresentar algumas análises críticas em ‘discursos despretensiosos’, representativos das redes interdiscursivas formadoras das práticas sociais.

A ANÁLISE CRÍTICA NO DISCURSO DESPRETENSIOSO: O *CORPUS*

O objetivo deste capítulo consiste em materializar as abordagens teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso. Portanto, foram escolhidos quatro fragmentos que exemplificam análises diferenciadas do discurso como prática social.

Fragmentos

a) “– *Dá licença, vocês têm preconceito em falar com soro positivo?*”

“– *Eu estou vendendo umas canetinhas...*” (14/10/2008).

Contexto: Desconhecida na praça de alimentação no Shopping Nova América, que objetivava vender algumas canetas. Ressalta-se que o enunciador chegou repentinamente e emitiu a primeira fa-

la com um tom alto e agressivo, em seguida usou um tom mais baixo, porém ríspido; e, ao ter o produto recusado, saiu aguerrida, sem se despedir.

Inicialmente, mesmo diante da rispidez, o discurso apresenta a boa-educação: “Dá licença...”, em seguida, articula com a interdiscursividade e com o significado que a expressão “soro positivo” assume no discurso.

A enunciação articula com os seguintes discursos: cristão, de autoridade e de marginalidade. Ressalta-se que há um conflito entre o discurso cristão, que prega a piedade e a compaixão, e o restante do enunciado.

O discurso da marginalidade está inserido na intertextualidade que o mesmo contém, já que pressupõe o conhecimento da situação de abandono que os doentes soros-positivos, sofrem – a dificuldade de acesso ao tratamento médico nos hospitais públicos, o alto custo dos remédios –, ou seja, remete à exclusão e ao abandono.

Por outro lado, há a presença do argumento de autoridade de quem enuncia. A pessoa se apresenta com o verbo no imperativo “Dá licença” e, indaga, com autoridade, se há preconceito por sua condição clínica.

Em seguida o discurso pressupõe a necessidade de, mesmo doente, vender produtos, logo, transfere para o interlocutor a responsabilidade por sua condição social.

Assim, ao enunciar: “você têm preconceito?” evidencia a uma situação social existente: o preconceito; e, mais uma vez, articula com a piedade cristã, visto que não é cristão ter preconceitos. E, em deixar claro a sua suposta doença: “soro positivo”, apresenta-se ao mundo, ou seja, mostra o seu *ethos* (a imagem de si), de doente. Mais uma vez, a sensibilidade do receptor é colocada em cheque.

Por outro lado, o tom de voz no discurso, bem como a chegada e a saída repentinas demonstram a prática da intimidação. O enunciador não só sugere a compra, como também exige que os interlocutores tomem atitudes. Pois, tenta atrair a atenção do interlocutor, logo no início e, sem dar margem para desconstrução do discurso, sai repentinamente, deixando uma lacuna.

b) “– *Já sou branca para ser branca*” (19/11/2008).

Contexto: Diretora de uma escolar particular de classe média baixa, no Méier, após determinar que os alunos e os professores limpassem o refeitório, após a decoração do mesmo para a festa de confraternização de final de ano.

Do ponto de vista gramatical, que garante a ligação entre os elementos das orações, nota-se que a preposição “para” exprime um valor semântico de finalidade. Assim, há no discurso do enunciador a presença do preconceito étnico-racial e da teoria do branqueamento, ideologicamente inserida na sociedade. Assim, anuncia que a cor da sua pele, branca, define e determina a característica de sua cor: a franqueza.

Por outro lado, recorrendo às noções de pragmática, observa-se que o operador argumentativo “já” tem por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos, conforme ensina Koch. De tal modo, o discurso introduz o seguinte pressuposto e, por conseguinte, o silogismo: “eu sou branca para ser branca; quem não é branco, não é franco; logo, é mentiroso”.

Observa-se que o enunciador deseja desestabilizar os interlocutores – não apenas com a ordem, mas o próprio discurso enquanto prática social.

Verifica-se, neste discurso, a tensão entre a adoção de valores hegemônicos e os valores dos afro-descendentes. Tal discurso reproduz práticas ideológicas naturalizadas na sociedade e confere suporte à diferença étnico-racial e à desigualdade social.

c) “– *É melhor trabalhar na segunda-feira ou ficar no sambinha e no chopinho do final de semana*” (Dia 11/08/2008).

Contexto: Desconhecido que entrou em uma copiadora na Rua Franklin Roosevelt, 84, loja B, Centro, após entregar o material para ser reproduzido.

Neste enunciado está inserido a estratégia discursiva da persuasão por provocação. Para persuadir, o enunciador provoca e apresenta imagens negativas ao destinatário de sua posição social.

Assim, o enunciador afirma: ‘hoje é segunda-feira’ e ‘você está trabalhando’; e também indaga: ‘aproveitou o chopinho e o sambinha no final de semana’, ou seja, ‘aproveitou o final de semana?’. Por outro lado, o enunciado pressupõe que o enunciador tenha aproveitado o final de semana.

Há, neste contexto, a perspectiva de manipulação. Porém, para que esta seja bem sucedida e o enunciado interpretado, os valores apresentados precisam ser desejados pelo interlocutor, que nesta análise não foi possível aferir.

d) “– *Meu amigo da escola é um macaco, aco, aco, aco...*”
(06/04/2008).

Contexto: Desconhecida no Zoológico que cantou esse enunciado em frente à jaula dos macacos.

MEU AMIGO É UM MACACO¹

Eu ia para uma escola
Onde tudo era normal
Mas por causa do meu nome
Meu amigo é um animal
Meu amigo da escola é um macaco
Meu amigo da escola é um macaco

Adão: puxa, Jake, essa escola é um pé no...
Jake: oi, Adão
Adão: oi, Jake, eu ia dizer que essa escola é
Um pé no mato

Meu amigo da escola é um macaco
Meu amigo da escola é um macaco
Meu amigo da escola é um macaco!

Através da Análise Crítica do Discurso, observa-se a presença da intertextualidade, que remete a um desenho infantil, transmitido por um canal fechado de televisão chamado “Meu amigo da escola é

¹ Meu amigo da escola é um macaco Lyrics. In: A. Lyrics.web.site. Visitado em 06/11/2008. Disponível em: <<http://www.lyricstime.com/meu-amigo-da-escola-um-macaco-meu-amigo-um-macaco-lyrics.html>>.

um macaco”², que permite contextualizar o que está sendo enunciado. Fairclough denomina este processo de “intertextualidade manifesta”, que consiste na manifestação explícita a outros textos. Assim, o enunciador recorre a outros textos para demonstrar seu conhecimento de mundo.

Na intertextualidade, segundo Fiorin “um texto dialoga com todos os outros textos em tempos e espaços diferentes” (Fiorin, 2002, p. 187). Diferencia-se, portanto, da interdiscursividade, que significa a combinação de tipos discursivos, definidos temporalmente a partir de uma origem comum e em um mesmo contexto.

Ao enunciar a música, o enunciador pretendeu demonstrar que era conhecedor da existência de um desenho no qual figura um macaco, semelhante ao que estava na jaula; que conhece, inclusive, a música; e que possui televisão fechada, pois o desenho não é transmitido pela TV aberta.

Considerando o contexto, em que o enunciado foi proferido, verifica-se que o enunciador tinha razões para acreditar que as pessoas que estavam próximas a ela detinham o mesmo conhecimento. Buscando, com seu discurso, ter a aderência e aprovação dos possíveis receptores e anulando qualquer contra-argumento.

Neste sentido, os discursos não sofrem apenas os determinantes econômicos, mas também culturais.

Resultados da análise

Para a Análise Crítica dos fragmentos discursivos apresentados, utilizou-se a contribuição da Pragmática, que considera as pressuposições de acordo com o contexto, na compreensão do fenômeno do discurso como elemento ideológico. Neste sentido, para Mainigneau, aplica-se a pragmática quando um enunciador se dirige a um receptor, mediante um contexto, e condiciona a estrutura da linguagem, produzindo efeitos.

² Programa exibido na Emissora Cartoon Network, todas as quintas-feiras, às 19h30min.

Segundo a autora, um ato de linguagem não é verdadeiro ou falso, mas bem sucedido. Porém, ao enunciar, efetivamente se emite uma mensagem, independente de a mesma ser bem sucedida ou não, pois define as posições do sujeito no contexto social. E, para isso, basta que o receptor reconheça a intenção do enunciador.

Nos fragmentos apresentados, verifica-se que os enunciadores não se contentam apenas em transmitir conteúdos representativos, mas sim se posicionarem socialmente através dos enunciados.

Nota-se, com a análise dos fragmentos, que a linguagem é uma instituição que garante a validade e o sentido do discurso, pois, aparentemente, não há como distinguir os atos de linguagem dos atos sociais.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa objetivou analisar os aspectos da realidade, os tipos de relações sociais, a maneira de enunciar e a representação dos fatos pelos interlocutores nos textos tidos como despreziosos.

Além disso, observou a existência de escolhas, que enfatizaram a representação de práticas ou ações em detrimento de reflexões ou opiniões alheias. Também se pode notar, nas práticas enunciativas, que os enunciadores utilizaram-se mecanismos discursivos que impediam a atuação direta do co-enunciador.

Portanto, o discurso desprezioso é a reprodução de um discurso de um grupo dominante, que almeja demonstrar sua posição de superioridade, através da linguagem, como representação do conhecimento e de poder.

Nos textos analisados, essa posição reforça-se pela associação da linguagem com o conhecimento de mundo, argumentada pela condição cultural contemporânea, que estabelece uma estreita ligação entre o que está sendo enunciado, os valores sociais e o papel ideológico.

A Análise Crítica do Discurso tem como escopo conduzir os sujeitos do discurso à reflexão do que está sendo enunciado e desve-

lar as ideologias e as pressuposições que estão sendo veiculadas nos argumentos.

O discurso, pela análise crítica, está sendo usado como veículo para reproduzir instituições, idéias e valores. Neste sentido, a pesquisa se fundamentou nas teorias críticas, uma vez que no ‘discurso despretensioso’ está presente a abordagem ideológica. Ressalta-se também que na representação da realidade, o indivíduo não percebe os processos ideológicos, as formas de naturalização e de disseminação de determinadas práticas de dominação.

Assim, com uma abordagem interessada em analisar as relações estruturais – transparentes ou veladas – de discriminação e de poder manifestadas na linguagem, a incipiente pesquisa, apoiada nas teorias críticas, acredita ter principiado uma investigação nas relações existentes entre os discursos despretensiosos e a prática social.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12ª ed. Trad. Michel Lahud & Yara Freateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Z. *Identidades: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2004, 394 p.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 2004.

CHALHUB, S. *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática, 2000.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Unb, 2001.

FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística II: Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006a.

———. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Livia Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2006b.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAZIÈRE, F. *A análise do discurso: história e práticas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

POSSENDI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Antonio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

VANEIGEM, R. *Nada é sagrado, tudo pode ser dito: reflexões sobre a liberdade de expressão*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.